



Psicologia USP

ISSN: 0103-6564

revpsico@usp.br

Instituto de Psicologia

Brasil

Gurski, Rose; Pereira, Marcelo Ricardo

A experiência e o tempo na passagem da adolescência contemporânea
Psicologia USP, vol. 27, núm. 3, septiembre-diciembre, 2016, pp. 429-440

Instituto de Psicologia

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305149535006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

re^oalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A experiência e o tempo na passagem da adolescência contemporânea¹

Rose Gurski^{*a}

Marcelo Ricardo Pereira^b

^aUniversidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Porto Alegre, RS, Brasil

^bUniversidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Departamento de Ciências Aplicadas à Educação.

Belo Horizonte, MG, Brasil

Resumo: Este artigo, na forma de ensaio, resulta de uma pesquisa teórica que discutiu as categorias da experiência e do tempo para a constituição psíquica do adolescente. Articulando a psicanálise do adolescente com o tema do tempo e o conceito de experiência em Walter Benjamin, problematizamos a passagem adolescente em meio às configurações do tempo no laço social. O artigo sugere que não nos precipitemos na ciranda de diagnósticos, pois a sintomatologia da adolescência atual pode ser tomada como um modo de expressão do sofrimento juvenil quando do encontro com as condições da cultura. Tais condições podem produzir uma dilatação do tempo de compreender, adiando o encontro com o momento de concluir. Assim, a fim de que se construam condições para o sujeito se precipitar em uma interpretação de si, além do instante, do tempo e do momento, surgiria uma espécie de intervalo como efeito de dilatação do tempo de compreender.

Palavras-chave: adolescência, experiência, psicanálise, tempo.

Preciso ser um outro para ser eu mesmo
Sou grão de rocha, sou o vento que a desgasta
Sou pólen sem inseto

Sou areia sustentando o sexo das árvores
Existo onde me desconheço aguardando para o
meu passado

Ansiando a esperança de futuro
No mundo que combato, morro
No mundo que luto, nasço
(Mia Couto)

Discutir a passagem adolescente em meio às configurações do tempo no laço social atual é também um modo de pensar os efeitos da temporalidade na operação psíquica da adolescência. Nas palavras de Kehl (2009), não se trata de dizer que não se produz o sujeito do inconsciente nas subjetividades contemporâneas, mas sim que as formas de atividade psíquica intermediárias, entre o inconsciente recalcado e o trabalho do sistema percepção-consciência, empobreceram-se em função das excessivas demandas que pesam sobre a consciência, tornando a percepção do tempo vivido vazia e urgente.

Tal interpretação acerca do funcionamento psíquico não deixa de ser um dos possíveis efeitos da chamada desmoralização da experiência – assim identificada por Benjamin (1936/1994b) em seus textos sobre a arqueologia da

Modernidade. O esvaziamento da dimensão da experiência, referido pelo autor, estaria associado ao modo como se dá a transmissão da memória, do passado e da própria experiência – muitas vezes, transformada em tradição. Nesse sentido, temos nos perguntado sobre a forma como as condições atuais do laço social podem predispor o jovem a uma restrição com os elos do passado e da memória, impactando os modos de representação, os registros e, portanto, a constituição psíquica do sujeito, especialmente, na passagem adolescente.

Importa-nos desdobrar tais questões de forma articulada ao tema do tempo, pois este é um elemento fundamental na constituição psíquica. Lacan (1944/1998), no texto sobre o tempo lógico, reforça a ideia de que o sujeito do inconsciente advém de um intervalo, não de um lugar; isto é, está associado não a uma lógica espacial, mas temporal, que relaciona necessariamente a experiência subjetiva do tempo ao saber possível do sujeito do inconsciente. Para Kehl (2009, p. 188), o tempo é uma das dimensões da falta, pois “o mesmo tempo de espera que inaugura a formação do aparelho psíquico, tempo que corre em ritmo distendido e alheio à urgência das demandas do Outro, introduz a falta no psiquismo”.

Afora as questões de ordem psíquica, o tema do tempo sempre foi de difícil abordagem; ao depararmos com a questão, parece não haver um referencial teórico passível de sustentar sua definição, sua apreensão parece sempre nos escapar. Santo Agostinho (1973, p. 243-244), em suas *Confissões*, pergunta: “Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e objetivamente? Quem poderá compreender, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito?”.

Interessante perceber que a pergunta de Agostinho faz-se extremamente atual, pois apesar da velocidade e

¹ Este artigo é o resultado da pesquisa “Psicopatologia e clínica da adolescência contemporânea: a experiência, o tempo e os impasses da inscrição adolescente na atualidade”, financiado pelo CNPq/471705/2011-0.

* Endereço para correspondência: rosegurski@ufrgs.br

da aceleração – típicas de nossa época – serem tópicos de intensas reflexões, as inquietações acerca do tempo já foram enunciadas em momentos sociais bem diferentes do atual.

Problematizar as questões da cultura, ao tratarmos da adolescência contemporânea importa, especialmente, pois, conforme sugere Soler (como citado por Fingermann & Kehl, 2009), quando um sujeito entra no consultório do psicanalista, com ele entra também aquilo que Freud chamou de “mal-estar na cultura” e, Lacan, de “a subjetividade da época”. Ou seja, não é possível pensarmos na constituição psíquica sem pensarmos no laço social que a enseja; é numa estreita relação com as pautas de cada época que os sujeitos vão se produzindo e construindo seus modos de constituição e de sofrimento psíquico.

Talvez possamos pensar que, com a adolescência, as condições do laço social tornam-se ainda mais impactantes, pois todo o processo de transição do familiar ao social é fundamental nesse momento da constituição. O sujeito necessita dar conta das questões da origem de um outro modo que não pela via das teorias sexuais infantis, tampouco pelo romance familiar. Ele terá de buscar, fora do âmbito familiar, novos traços passíveis de o representar e o sustentar em um novo lugar psíquico na relação com o Outro².

Assim, uma das perguntas que orienta este escrito refere-se à interrogação sobre os efeitos da propalada aceleração da vivência do tempo para as subjetividades dos jovens contemporâneos. Estariam os adolescentes da atualidade sorvendo, de um modo diferente, a dimensão da experiência nas relações humanas e sociais em função da superficialidade que advém do excesso de velocidade produzida no cotidiano atual?

Freitas (2008), quando trabalha acerca do “tempo para fazer-se homem” – necessário, segundo a autora, a alguns meninos no decorrer da passagem adolescente – questiona os quadros de fobia, cada vez mais frequentes, que se apresentam na clínica de rapazes jovens. Segundo a psicanalista, é como se o isolamento social e a descontinuidade na vida cotidiana desses sujeitos revelassem a necessidade de um alargamento no chamado “tempo de compreender”, quando, então, o sujeito necessita, do ponto de vista estrutural, de um intervalo maior para responder aos apelos fálcos típicos desse período.

Desde a psicanálise, sabemos que a adolescência, enquanto operação psíquica, ocorre na medida em que o sujeito pode fazer a passagem do infantil ao *sinthome*. Tal passagem se dá quando é possível ao sujeito sair da condição de “indecisão” (Jerusalinsky, 2004), em geral presente na passagem adolescente, e tomar “nas mãos” a tarefa de

encontrar os nomes-do-pai, no plural, “escolhendo” o seu *sinthome* e inscrevendo a dimensão do *novo* em sua vida.

O psicanalista francês Jean-Jacques Rassial (1997) sugere que o conceito de estado-limite, denominação presente na psicopatologia da adolescência contemporânea, também pode ser tomado como um efeito das condições do laço social atual. Tal conceito refere-se ao momento de passagem na estrutura, no qual, muitas vezes, configura-se uma adolescência sem fim, estabelecendo-se um vácuo no lugar do momento de concluir, na medida em que o sujeito fica paralisado em “um estado de suspensão, um momento de não escolha” (p. 87) entre tomar o *sinthome*³ e não tomá-lo.

Portanto, ao interrogarmos o mal-estar juvenil na atualidade, questionamos: a obsessão pelo tempo acelerado, imperativo de nossa cultura, pode fomentar obstáculos ao estabelecimento de condições de representação do sujeito? Ou ainda: qualquer forma de empobrecimento da dimensão da experiência afeta as possibilidades de registro e, portanto, a constituição psíquica do adolescente atual? Será que algumas condições do laço social contemporâneo podem funcionar como um empecilho para a necessária densidade do *tempo de compreender*, que, acima de tudo, viabiliza a passagem ao momento de concluir – passo tão necessário ao êxito da operação psíquica da adolescência?

Para discutir essas e outras questões, partiremos de uma breve revisão acerca do tempo como conceito sócio-histórico, para depois analisarmos as condições do laço social atual, especialmente, por meio de Walter Benjamin e seu conceito sobre o empobrecimento da dimensão da experiência. Esses aspectos serão articulados ao tema da adolescência como conceito psicanalítico, a fim de pensarmos sobre aspectos da adolescência contemporânea à luz dos tempos na constituição psíquica na adolescência e do conceito de *sinthoma* em Lacan.

O tempo como conceito sócio-histórico

O tipo de experiência com o tempo é um elemento que varia de acordo com cada cultura e cada momento social. O modo de percepção temporal revela diversas tendências fundamentais da vida em sociedade, sendo uma representação muito marcante dos diferentes modelos culturais (Gourevich, 1975). Pode-se dizer que tais marcas ficam como que impressas nas subjetividades, especialmente, no que refere à regulação da vida pulsional.

Segundo Kehl (2009), a temporalidade como fenômeno organizado e percebido subjetivamente é uma das maneiras de se regular socialmente as pulsões, não por meio do circuito pulsional – que marca as diferentes partes do corpo – mas sim dos ritmos impostos às “modalidades de satisfação, de procrastinação e de gozo” (p. 122).

2 Para tratar da constituição psíquica, Lacan diferencia duas instâncias: o chamado “pequeno outro”, que seria o semelhante, o parceiro imaginário, e o “Outro” (grande Outro), que ele conceitualiza como a instância simbólica – e, portanto, da linguagem – que determina o sujeito, sendo de natureza anterior e exterior a ele; lugar da palavra, lugar do tesouro dos significantes (ver Lacan, 1954-55/1985, p. 297).

3 Para Freud, o sintoma é a expressão de um conflito inconsciente, daquilo que é recalado. Para Lacan, o *sinthoma*, escrito com *h*, seria a tentativa de constituir um mínimo de subjetividade frente ao imperativo do Outro (Chemama, 1995). Voltaremos ao tema nas considerações finais deste artigo.

Toda a questão do tempo importa, também, pois a noção de espera marca a própria origem da constituição do psiquismo. É no espaço da falta, no adiamento da satisfação, que se cunha o sujeito. Além disso, as possibilidades de passagem do tempo estruturam-se de maneira diferente segundo as esferas mentais. A linearidade característica de nossa percepção temporal consciente é proveniente, justamente, dessa regulação pulsional que adaptou o psiquismo aos processos secundários, a fim de melhor interação com o meio externo; diferente do que acontece no âmbito do inconsciente, no qual os eventos mentais são simultâneos e não excludentes, ainda que antagônicos.

Conforme já referido acima, é certo que diferentes culturas em momentos sócio-históricos diversos oferecem modalidades distintas de satisfação às necessidades pulsionais – questão que pauta a própria sensação de duração do tempo ou *durée*, segundo o ensino de Bergson (1999). Ou seja, mesmo que as antigas experiências de percepção temporal tenham sido perdidas por ausência de registro, nas referências que temos sobre a vivência do tempo nas sociedades de tradição oral, encontramos descrições de uma relação carregada de valor afetivo, pois: “ele [o tempo] pode ser bom ou mau, favorável a certas formas de atividade e nefasto a outras” (Gourevitch, 1975, p. 265).

Dentre outros diversos acontecimentos e fenômenos sociais que atravessaram a história, devemos ressaltar a importância de um movimento sociopolítico que tem grande peso na relação do homem moderno com a vivência do tempo: a revolução industrial, juntamente pela proliferação dos relógios mecânicos. O tempo como um modo de medir a produção, tempo de produtividade, que passa a ser pautado pelo dinheiro.

Essa é a posição que nos encontramos em relação ao tempo desde a Modernidade, um tempo esvaziado de sua dimensão subjetiva, uma sequência de acontecimentos com os quais se deve lidar de forma eficiente e resolutive. Nesse cenário árido, não há um tempo para que os sujeitos possam elaborar suas vivências, para que elas decantem em experiência (Gurski, 2012b).

Isso porque as transformações socioculturais também modificam os modos de experimentar a passagem, até mesmo de um dia. As experiências com a noção de tempo, por exemplo, na época em que não se cronometrava a passagem, e na contemporaneidade, em que “cada minuto exige uma decisão e promete alguma forma rápida de satisfação” (Kehl, 2009, p. 123) são completamente diversas. A temporalidade urgente, capaz de medir até mesmo décimos de segundo, invadiu-nos de tal maneira, que é praticamente impossível pensarmos em outras formas de viver que não contenham a dimensão da aceleração.

Antes do século XIII, o tempo era pautado não por relógios, mas pelos ciclos da natureza e pela Igreja. Essa, além de marcar o tempo pelos acontecimentos naturais, frutos da obra de Deus, tais como as estações, também controlava o uso do tempo de vida de seus fiéis, por meio dos ritos, deveres e do modo de desfrutar a sexualidade (Kehl,

2009, p. 124). Para Kehl (2009, p. 123), mesmo sob novas condições sociais, o tempo segue sem pertencer ao homem.

A própria vida no campo, longe dos centros urbanos, viabiliza uma vivência pautada por outro ritmo. A atividade rural envolve o sujeito de modo diferente no seu fazer. A passagem da vida rural para a vida urbana produziu efeitos importantes, pois o homem passou a obedecer a ritmos autoimpostos, muito mais do que aos naturais “sendo que de lá para cá, o tempo humano nunca mais deixaria de ser contado em dinheiro” (Kehl, 2009, p. 126). Desse modo, o tempo religioso foi, gradualmente, perdendo espaço para o tempo comercial e produtivo, o qual evoluiu da importância que a diferença de horas e minutos poderiam fazer aos rendimentos, para a atual conjuntura, em que mesmo segundos contam e são contados.

Assim, estamos, cada vez mais, confrontados com uma imediatez que nos aproxima de uma engrenagem, como um fabrico em série, no qual a técnica sobrepõe-se à dimensão orgânica das relações, sendo raras as situações de densidade na experiência com o tempo. Para Kehl (2009), o que ela denomina de encolhimento do tempo de compreender coloca o sujeito na posição de produzir pouco saber acerca de si. Desde aí, deduzimos que o encolhimento desse saber sobre o “si mesmo” seria responsável, também, pelo apagamento do sujeito do Desejo, assim como por uma espécie de superficialidade que se multiplica nos laços dos sujeitos contemporâneos.

Benjamin (1936/1994b) chamará esse movimento de empobrecimento da dimensão da experiência e apontará, de certa forma, os efeitos que advêm do fato de vivermos em um tempo em que o tempo é contado em números, como índice de produtividade, sem restar espaço para o tédio. Para ele, a dimensão da experiência é incompatível, tanto com a temporalidade veloz quanto com a sobrecarga de solicitações que recaem sobre a consciência. Quer dizer, a condição da experiência benjaminiana é o oposto da atividade acelerada. Podemos pensar que é como se a experiência e a transmissão, para serem forjadas, necessitassem um pouco do tédio, ou seja, da distensão do tempo: “Se o sono é o ponto mais alto da distensão física, o tédio é o ponto mais alto da distensão psíquica. O tédio é o pássaro de sono que choca os ovos da experiência” (Benjamin, 1936/1994b, p. 204).

Sublinhamos que não se trata de uma mirada quantitativa em função da simples contagem do tempo, mas, sim, da observação de que variadas condições da atualidade dificultam a predisposição dos sujeitos a um estado de distensão psíquica, um estado que propicia o que Benjamin (p. 204) chama de “processo de assimilação em camadas muito profundas ... exige um estado de distensão que se torna cada vez mais raro”.

Para seguir o trajeto que propomos, sugerimos que tomemos Benjamin a partir da proposição que ele faz nesse recorte. O autor dá sequência ao tema do tempo e suas variações dizendo que quanto mais aquele que fala esquece de si mesmo, mais se grava nele o que é ouvido, propondo

aí um estado de distensão psíquica. Este estado, atento e vazio ao mesmo tempo, no qual o sujeito se disponibiliza a diferentes inscrições, aproxima-se do conceito de atenção flutuante da psicanálise.

O tédio, evocado por Benjamin “como um particular estado de espírito entre o sono e a vigília, que se alternam e se confundem como numa das mais antigas fontes de poesia, o sonho” (Lages, 2002, p. 128), aparece como possibilidade do sujeito sorver as vivências e os acontecimentos na cadência de uma experiência. Essa cadência é própria do antigo narrador que consegue, pela transmissão das histórias vividas, transportar o tempo passado para o interior do presente.

É importante frisar que, neste escrito, trabalhamos com a hipótese de que é dessa condição que se arma a possibilidade de que algo decante como experiência. Ora, não é difícil associar essa colocação com a figura do *flâneur* de Baudelaire, “aquele que irreverentemente passeava com as suas tartarugas fazendo deste ato um claro contraponto à velocidade e à aceleração imposta pelo ritmo industrial” (Benjamin, 1938/1989, p.158). Para Kehl, “nada causa tanto escândalo, em nosso tempo, quanto o tempo vazio. É preciso aproveitar o tempo, fazer render a vida, sem preguiça e sem descanso” (Kehl, 2009, p. 125).

Como diz Larrosa (2002):

ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. Por isso a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, é também inimiga mortal da experiência. (Larrosa, 2002, p.)

Assim, interessa-nos pensar como se dá a passagem adolescente em meio a tais condições. Mais especificamente, qual o efeito, sobre a vida psíquica do adolescente contemporâneo, da perda da possibilidade de elaboração das vivências por meio das narrativas e de outros movimentos de elaboração?

Narrativa, experiência e temporalidade

É com as letras de Walter Benjamin, o filósofo-poeta, o catador de restos e amante das margens que buscamos alinhar uma parte deste trajeto de investigação. Nas palavras de Arendt (1987), Benjamin foi um alquimista, um verdadeiro caçador de pérolas, especialmente, por ter tido o mérito de pensar as dobras de seu tempo de dentro e de fora. Ao fazer seus estudos acerca do tema da experiência, foi, junto com os colegas de Frankfurt, um dos protagonistas da crítica acerca dos novos modos de subjetivação. Acabou produzindo um pensamento inovador ao tentar compreender o impacto gerado pelas condições da Modernidade.

Desde os textos juvenis, compelidos pelo título de *La metafísica de la juventud* (Benjamin, 1993/2002), que compreendem o período entre 1911-1918, interessou-se pelo tema da experiência e seus desdobramentos. Neles,

embalado pelos ideais juvenis, contestou a banalização do entusiasmo dos jovens em nome da pretensa experiência superior dos adultos. O filósofo da aura, como era chamado, preocupava-se em elaborar um conceito de experiência articulado à construção de novas categorias de temporalidade, relacionadas à valorização do presente e à crítica da concepção de um passado imobilizado (Benjamin, 1913/2002; Muricy, 2009).

De todo modo, é preciso sublinhar que o conceito de experiência, dos textos do início do século XX, que opõem a soberania adulta ao mundo juvenil, estão baseados em uma ideia de experiência individual e não coletiva. Mais tarde, nos escritos da década de 1930, a *Erfahrung* (experiência) é cunhada como um conceito calcado em uma dimensão coletiva e histórica, sendo então proposta como a sabedoria que se acumula historicamente e se prolonga pela transmissão da tradição

Foi ao longo da década de 1930 que Benjamin, imbuído de conceitos como tradição, memória, narrativa e transmissão, discutiu o empobrecimento da experiência como decorrente do esfacelamento do social. Tal questão estava relacionada às condições das cidades e aos novos modos de produção. Assim, em oposição à *Erfahrung* (experiência), Benjamin contrapôs a *Erlebnis* – que teria o sentido de uma experiência esvaziada e, portanto, denominada vivência. O sujeito moderno, atropelado pelo choque das multidões e pelo ritmo industrial, não disporia de tempo para viver uma experiência mais densa, “de tal forma que já não é possível viver o presente sem ter que ‘apagar os rastros’ do passado recente, como no poema de Brecht” (Kehl, 2009, p. 181). A *Erlebnis* seria então uma forma de experiência isolada, que não faz laço, que não carrega e não agrega nenhum valor coletivo. É a vivência do indivíduo privado, a impressão forte que precisa ser assimilada às pressas e que produz efeitos imediatos (Benjamin, 1938/1989).

As novas condições de vida nas metrópoles, inspiradas pelo ritmo industrial, operavam modificações no modo do homem lidar com o tempo e com o espaço, questão que inevitavelmente acabou produzindo efeitos sobre a estrutura da experiência. É nesse ponto que Benjamin recolhe a noção do tédio como condição de inatividade passível de produzir uma outra relação com o registro, com a memória e, portanto, com a experiência. Essa ideia encontra eco nas notações conceituais de Marcel Proust acerca da memória: a memória voluntária e a memória involuntária.

A partir de Proust, Benjamin entende por memória voluntária toda a sorte de vivências passadas que poderiam ser acessadas arbitrariamente pelo intelecto, sendo assim, a memória voluntária diria respeito mais a uma capacidade de desagregação que propriamente de conservação. Isso explica porque, para Benjamin, esse tipo de memória é precária, visto que lega à lembrança a função de resgate do passado (Pereira, 2007). Para Benjamin, a memória voluntária é uniforme, limitada, restrita e sujeita “aos apelos da atenção”. “As informações sobre o passado, por ela transmitidas, não guardam nenhum traço dele” (Benjamin,

1938/1989, p.106). Não obstante, por memória involuntária, Benjamin compreende o tipo de memória que reintegra o indivíduo a uma espécie de experiência mais densa; ela lança o sujeito a uma outra dimensão espaço-temporal, ampla e indeterminada; na qual o passado pode de fato ser contemplado (Pereira, 2007).

Parece que Benjamin, em meio à dissolução da aura que denunciava, buscava uma experiência capaz de evocar um certo intervalo, como um espaço de elaboração para as vivências, em meio a um laço impregnado pelo capitalismo “coisificador de subjetividades”. Também buscava experiências nas quais os sujeitos ainda pudessem se fazer representar por criações que dialogassem com a cultura e com o patrimônio cultural.

Qual o valor de todo nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais o vincula a nós? A horrível mixórdia de estilos e concepções do mundo do século passado mostrou-nos com tanta clareza aonde esses valores culturais podem nos conduzir, quando a experiência nos é subtraída, hipócrita ou sorrateiramente, que é hoje em dia uma prova de honradez de confessar nossa pobreza ... Surge assim uma nova barbárie. (Benjamin, 1933/1994a, p. 115)

O conceito de barbárie tinha uma dimensão paradoxal e ambígua para Benjamin (Rouanet, 1990). Apesar de reconhecer a desmoralização da experiência e a pobreza de narratividade como efeitos das condições produzidas pela Modernidade, Benjamin também via na barbárie uma perspectiva de liberdade (Rouanet, 1990, p. 52). Ele dizia que os novos bárbaros, sem passado e sem experiência, teriam sobre os civilizados ao menos a vantagem de se contentarem com pouco, de começarem sempre de novo, apesar de sua pobreza interna e externa.

Na ótica de Benjamin, a nova barbárie revelava-se, sobretudo, como o retraimento na possibilidade da transmissão de experiências, especialmente pela força impessoal da técnica, pelo mutismo produzido pelos horrores da guerra e pelo anonimato social forjado pelos novos modos de produção do capitalismo. Entretanto, diferente de outros frankfurtianos, Benjamin, que recusava o determinismo no devir da história, deixou aberturas em sua leitura da barbárie que nos levam a compreender a arte, mesmo que massificada, ainda como um mote para a reflexão, a crítica e as possíveis mudanças sociais.

O pós-guerra, em sua visão, produziria gerações sem histórias para contar, presas de uma intensa sensação de desamparo; sujeitos silentes incapazes de narrar a horrível experiência. Para ele, em meio à vivência da Grande Guerra, como ficou conhecida a Primeira Guerra Mundial, morrera, junto com os cadáveres, a já declinante capacidade comunicativa da experiência.

Tais questionamentos, propostos por Benjamin, aproximam-se do discurso da psicanálise, pois, em seus fundamentos, encontra-se a subversão do sujeito da razão. Se, para a psicanálise, trata-se sempre de buscar o sentido

cifrado no sintoma apresentado pelo sujeito, apontando com isso o caminho do inconsciente como produtor dos atos, a leitura de Benjamin também ambiciona a busca do sujeito da experiência, aquele que se deixa levar pelo tempo orgânico e não pelo tempo da máquina. Aquele que, como o *flâneur* de Baudelaire, deixava que as marcas de seu Desejo⁴ pontuassem o trajeto por onde passava (Gurski, 2014).

É conveniente refletir sobre como, na crítica que Benjamin faz às novas condições sociais, está implícita uma reflexão sobre o tempo e os entraves ao acolhimento de suas marcas na Modernidade. Em seus escritos, Benjamin aponta claramente a evidência de uma passagem, a passagem do tempo artesanal e orgânico, *Kairós*, ao tempo mecânico, *Cronos*, o tempo devorador⁵. Ele também exalta o conceito de *durée* de Bergson (1999), como o contraponto do tempo da ciência; o tempo que tem na qualidade, e não na quantidade, seu indicador. A passagem do tempo na *durée* estaria vinculada ao modo como o sujeito preenche e sente o tempo. Um quarto de hora pode ser uma infinidade ou um fugaz instante, a variação depende do sujeito e não do relógio. Dessa forma, nas palavras de Benjamin (1932/1989, p. 131), se “libera a alma humana da obsessão do tempo”.

De todo modo, apesar de *Matéria e Memória*, de Bergson⁶, ser uma referência fundamental nas construções de textos como “Sobre temas em Baudelaire”, sobretudo por ser uma fonte rica acerca do caráter decisivo da memória para a estrutura filosófica da experiência, não se pode negligenciar que é somente na poesia de Baudelaire, do conceito de *Correspondances*, que Benjamin, irá plasmar o encontro entre passado individual e passado coletivo (Muricy, 2009).

A leitura das ruínas e dos fragmentos da história, em contraponto à historiografia ou à unidade dos fatos, leva Benjamin a explodir com a continuidade homogênea de um tempo vazio, com a linearidade dos acontecimentos. Como em Nietzsche, não há fidelidade aos fatos (Muricy, 2009). Nesse diapasão, surge o conceito de *Jetztzeit*, ou tempo de agora, o tempo imobilizado, no qual o historiador

4 O Desejo para a psicanálise não é a vontade. O Desejo estrutura a relação do sujeito com o objeto e com o Outro. Para Freud, o Desejo do sujeito está sempre remetido ao desejo sexual; segundo ele, o desconhecimento do Desejo pela operação do recalque é a causa do sintoma. Para Lacan, o Desejo do sujeito é sempre o Desejo do Outro, pois é a condição de alienação no Desejo do Outro parental e social que fará com que se constitua um sujeito no sentido psicanalítico (Chemama, 1995).

5 Há uma diferença entre o conceito grego de *Kairós*, que remete à filosofia sofista e a um tempo mais denso que carrega a noção de aproveitamento de um instante de abertura. Para Kehl (2009, p. 115), o *Kairós* seria “um momento oportuno, diferente do tempo linear *Kronos* ... que deu origem, na mitologia romana, ao conceito de tempo cronológico, extenso e linear, que conduz as coisas a seu amadurecimento e também ao seu fim”.

6 Benjamin (1938/1989) deixou claro, também, a distância que separava a sua busca de uma experiência autêntica, das “filosofias da vida” do final do século XIX. Sobre tudo, o fato de Bergson ter, praticamente, ignorado as condições históricas da experiência, assim como ter limitado a leitura da *durée* ao âmbito da experiência privada.

constrói a história arrancando o seu objeto da linearidade do tempo para servir à atualidade (Benjamin, 1940/1994c).

Tais questões compõem também o quadro denominado como choque da Modernidade. Benjamin observa que é a partir desse *choque* que Baudelaire irá articular as vivências desgarradas da Modernidade em uma autêntica experiência. Segundo Muricy (2009, p. 208):

Para isto, irá construir uma estratégia poética muito precisa em *As flores do mal*. Os temas aí não serão mais os da lírica tradicional: seus poemas demonstram como Baudelaire tinha plena consciência das profundas transformações da produção artística que iriam determinar a decadência da poesia lírica.

Nesse diapasão, o *flâneur* de Baudelaire também rendeu importantes construções de Benjamin acerca do tema do tempo. A obsessão com o tema do tempo parece ser o sintoma que desperta o vagar do *flâneur*. Em uma nota de rodapé, Benjamin (1938/1989, p. 122) explica que, por volta de 1840, era de bom tom levar tartarugas para passear nas galerias parisienses e, com boa vontade, o *flâneur* deixava que as tartarugas lhe prescrevessem o ritmo, em uma clara oposição ao *taylorismo* preponderante na época. Para Benjamin, o homem das multidões não se assemelha em nada ao *flâneur*, pois nele o comportamento tranquilo cedeu lugar aos comportamentos ditos maníacos. Essa questão é de suma importância para este estudo, na medida em que muitos sintomas da adolescência contemporânea parecem guardar certa identidade com os ritmos denominados “maníacos”.

Atualizando a discussão, talvez possamos dizer que o “tempo” em nosso tempo se coloca a serviço dos objetos de consumo. Benjamin conseguiu claramente identificar esse engodo, quando se referiu a uma crise de percepção⁷ sofrida pelo homem contemporâneo. Passadas várias décadas desses ensaios críticos, podemos ainda hoje aproveitar seus ensinamentos. Suas anotações revelam as marcas de uma certa debilidade do tecido social presente também na atualidade.

Pensamos que a experiência de viver e trabalhar em um ritmo não ordenado pela produtividade possibilitava uma vivência do tempo mais próxima do sonho, embalado por uma experiência outra que também se perdeu, a experiência do “tédio vivido sem angústia, como puro tempo vazio a ser preenchido pela fantasia”. (Kehl, 2009, p. 164). Atualmente, parece que a vivência do tempo como possibilidade de lucro não comporta essa dimensão mais próxima do devaneio, do sonho, da experiência. Alguns analistas contemporâneos sugerem que – mesmo as narrativas sobre

os sonhos nas psicoterapias já não se fazem tão presentes – é como se houvesse uma diminuição de importância na “decifração” do sujeito através dos sonhos; a surpresa e o inusitado do material onírico parecem não mais instigar o sujeito atual (Redepsi, 2005).

No texto “O narrador”, Benjamin (1936/1994b) reflete com mais profundidade sobre o possível apagamento da dimensão da experiência da Modernidade em diante. Segundo o autor, o elemento fundamental para a experiência, que se modificou com a ascensão da técnica, é a percepção e sua relação com a temporalidade. Essa deixou de pertencer e de ser marcada coletivamente, legando ao indivíduo a responsabilidade solitária por sua vida e pelos acontecimentos. Quer dizer, as mesmas engenhocas destinadas a economizar-nos nas tarefas manuais, e aumentar o tempo ocioso, vêm produzindo um sentimento crescente de encurtamento da temporalidade.

Destacamos que uma das principais ideias que decanta do trabalho de Benjamin com o tema da transmissão e da experiência vem ancorada na noção de liame entre os diferentes tempos, ou seja, na noção de continuidade da produção humana. A transmissão é o fino fio que liga, interliga e possibilita que passado, presente e futuro possam estar aninhados, dando-nos a noção tão cara de que algo de nossos feitos continua na geração que chega (Gurski, 2014, p. 173). Entretanto, as condições atuais levam a uma espécie de obsolescência programada do passado e da memória, produzindo,

como efeito um sujeito permanentemente disponível, pronto a se desfazer de suas referências em troca das novidades em oferta. Desligado do frágil fio que ata o presente à experiência passada, voltado sofregamente para o futuro com medo de ser deixado para trás, o dito “consumidor” sofre com o encurtamento da duração. Assim se desvalorizam o tempo vivido e o saber que sustenta os atos significativos da existência (Kehl, 2009, p. 168).

Ou seja, o tempo social atual tem sido pródigo na descartabilidade e no tom fugidio das relações. Nessa direção, Bauman (2002), desde a análise do laço social, diz que jogar fora é a verdadeira paixão de nosso mundo. A duração, em variados sentidos, não constitui mais nenhum apelo, ao contrário, o novo, como novidade, importa mais que qualquer tradição de pensamento.

Além disso, o superdimensionamento do valor do objeto em nosso laço produz inevitavelmente o apagamento crescente da dimensão da experiência e, portanto, do sujeito e de sua história. Jerusalinsky (2004) diz que padecemos de uma espécie de *fading* do Outro social, em que o semelhante é trocado pelo objeto, a sabedoria pela técnica e a “falcatura” pelo poder. Pensamos que esses são descritores que revelam alguns simulacros dos laços do sujeito contemporâneo.

Maria Rita Kehl (2004), ao refletir sobre os efeitos dessas condições no psiquismo diz que, quanto mais vigilantes, quanto mais absorvidos por estímulos que tomam

⁷ Ao voltar-se para as radicais mudanças da estrutura da experiência na Modernidade, Benjamin recolheu, como um verdadeiro catador de minúcias, a poesia lírica de Baudelaire. Ele via, na produção do poeta maldito, a possibilidade de transformação do choque da Modernidade em matéria simbólica. Para ele, Baudelaire teria conseguido, com sua produção poética, amparar os choques e o empobrecimento da experiência, produzidos pelas condições da Modernidade, e com isso dar forma ao caráter errático dos acontecimentos que marcavam a Paris da primeira metade do século XIX (Benjamin, 1935/2006).

nossa consciência, maior a noção de passagem de tempo; enquanto, ao contrário, o tempo contemplativo, que passa despercebido, é vivido de um modo pleno. Tal noção é trabalhada pela psicanalista à luz das ideias de Benjamin (1936/1994b):

Se a vida psíquica, premida pela necessidade de reagir a estímulos externos velozes e violentos, fica restrita ao trabalho (protetor) da atenção consciente, que experiência se produziria a partir de uma vivência dessas? (Kehl, 2004, p. 155)

Baseado nessas articulações que incluem também as ideias de Bergson acerca da atenção consciente, Benjamin conclui que o excesso de consciência exclui a ativação de marcas mnêmicas. Como já referido mais acima, é nessa direção que caminha a noção de uma nova “barbárie” nas palavras do filósofo-poeta (Benjamin, 1933/1994a, p. 115). A partir do “monstruoso desenvolvimento da técnica” avança uma nova forma de miséria, o empobrecimento de uma dimensão fundamental do saber e da memória que escapa a todas as competências técnicas e científicas, a transmissão da experiência.

Importa-nos, portanto, analisar os efeitos de todas essas condições discutidas acima para os tempos da constituição psíquica da adolescência contemporânea. Isso, especialmente, quanto ao modo como o empobrecimento da transmissão da experiência e a restrição dos laços com o passado, com a tradição e com a memória impactam a representação e os tempos da constituição psíquica na passagem adolescente.

Adolescência e laço social

O problema de todo sujeito é encontrar formas de se representar no laço social. Tal questão torna-se mais aguda para os adolescentes que, recém-saídos do mundo da infância, precisam de referentes que indiquem o valor de seus atos e de suas palavras em relação ao Outro social (Jerusalinsky, 2004). Sabemos que a dose dessa garantia depende tanto da história das relações infantis do sujeito quanto do modo pelo qual a cultura em que o sujeito está inserido trata dos valores simbólicos. Isso porque os sentidos são construídos desde os códigos que cada tempo cultural indica como lugar de produção.

Pois bem, de algumas décadas para cá, a psicanálise lacaniana cunhou um arcabouço conceitual acerca da adolescência, especialmente a cara noção da adolescência como operação psíquica (Rassial, 1995; Ruffino, 1995). Desse modo, o adolescer deixou de ser uma sequência de acontecimentos cronológicos e orgânicos, ligados ao *boom* hormonal, e passou a ser compreendido como uma construção social e psíquica. Trata-se da concepção na qual o processo adolescente revela, tanto a insuficiência dos referenciais infantis quanto a dose de urgência que o imperativo da inscrição social toma na passagem para a adolescência. A ausência de ritos de iniciação – que eram presentes em

outro laço social –, somada ao olhar interrogador do Outro acerca dos efeitos do novo corpo, produz no adolescente contemporâneo uma insuficiência de referenciais para dar conta das novas posições necessárias à sofrida passagem do cenário familiar ao cenário social (Ruffino, 1995).

Desse modo, é preciso sublinhar que o modo como o Outro social apresenta suas configurações importa muito às construções na passagem da adolescência. Sabemos, por exemplo, que a juventude, nas últimas décadas, transformou-se em um ícone, um ideal do mundo adulto. Tal situação revela uma espécie de constrição do tempo: o envelhecimento que outrora era signo de experiência acumulada, símbolo de sabedoria e do mais alto valor do sujeito, parece ter se transformado em um grande sofrimento. O discurso atual faz da centralidade do corpo e da imagem jovem os índices de valor e de sucesso do sujeito. Nesse diapasão, uma porção de paradoxos convive de mãos dadas.

Kehl (2004), em “A juventude como sintoma da cultura”, sugere que o ideal de perfeição de nossa época reside no *quantum* de juventude corporal e emocional que o sujeito porta. Pensamos que tal situação produz no jovem um estado de desamparo de como se orientar minimamente na vida e no mundo, já que esse ideal aponta para um excesso de presente, não balizando uma perspectiva de futuro. A disseminação do ser jovem acaba colocando todos em uma mesma posição, questão que parece retirar a dose de alteridade geracional tão necessária àqueles que, recém-chegados da infância e das mutações pubertárias, inauguram suas primeiras inscrições na esfera pública e social.

Portanto, afora a moratória adolescente – que joga o sujeito em uma espécie de limbo social –, o jovem acaba percebendo que os mais velhos ao seu redor, ao sonhar com a eterna juventude, além de deixarem o lugar de adulto vago, não se furtam em apagar as marcas do tempo e da origem, rompendo assim o elo que liga passado, presente e futuro. Logo, somadas às dificuldades próprias do adolescer, se somos uma “cultura de jovens há mais de 40 anos” (Kehl, 2004), como fazem os adolescentes de hoje para diferenciarem-se de seus genitores e formularem algo novo e próprio?

A idealização da adolescência tem se configurado como uma marca forte de nosso tempo, ser jovem é ter o mundo nas “mãos”, como diz uma conhecida expressão. Dissemina-se, junto à imagem da juventude, a ideia de gozo pleno, alcançada pelo vigor físico, pela agitação na vida social e sexual, pelo poder de consumo, entre tantas outras características que colocam frente ao jovem um imperativo: goze!

Slavoj Žižek (2009)⁸, ao falar sobre a relação da moral do gozo e da culpa generalizada causada por ela, diz que uma das questões que se problematizam na atualidade refere-se ao fato de o sujeito não conseguir gozar o suficiente frente à demanda que lhe é dirigida. Parece que impera, na atualidade, o prazer como dever. Žižek sublinha,

⁸ Psicanalista e filósofo esloveno, no programa Roda Viva da TV Cultura/SP, em fevereiro de 2009.

na entrevista analisada, que Lacan estava certo ao dizer que o significado máximo do superego seria ter prazer. Ou seja, a expectativa na atualidade é de que o sujeito desfrute de uma vida agradável, assim, de modo paradoxal, o prazer em si se transforma em um dever.

Nesse contexto, a juventude acaba colocada como uma idade idealizada, sendo a demanda pelo gozo sem limites de grande peso para os jovens; eles devem desfrutar da liberdade e de todas as possibilidades que a eles são oferecidas por esse modelo de sociedade hedonista e, praticamente, sem proibições. Isso obviamente acaba como uma fonte inesgotável de mal-estar, pois o gozo jamais será pleno.

Tais apontamentos acerca do imperativo do gozo ilimitado nos interessam, sobretudo, porque temos visto nas expressões dos adolescentes e jovens que a *juvenilização* da cultura, acima citada, além de produzir uma boa dose de desamparo no jovem, não permite, muitas vezes, a distância necessária para a criação do *novo* em termos subjetivos.

Hannah Arendt (2001), no texto “A crise da educação”, pondera que toda educação necessita de uma dose de tradição. Isto é, será somente no encontro com o velho que a geração que chega poderá construir o *novo*. No momento em que os adultos de uma sociedade se juvenilizam, com comportamentos e condutas, e que os ideais do imaginário cultural passam a valorizar a juventude e seus atributos, é como se todos constituíssem uma comunidade de iguais (Gurski, 2012a).

Ora, o lugar da experiência empobrecida – efeito também da aceleração de nosso tempo, referida por Benjamin – é o lugar no qual deveria estar a palavra transmitida. A palavra, polissêmica em sua estrutura, traz a possibilidade de emprestar múltiplos sentidos ao vivido, desenhando um horizonte simbólico de representações. Sublinhamos que é na transmissão dessa pluralidade dos sentidos, que pode se operar o enlace entre ato e cultura, cujo efeito é também a revelação da potência da linguagem como construtora do laço social no lugar da barbárie.

Nesse sentido, a pobreza da experiência e a pressa desmedida, denunciadas por Benjamin, constituem uma nova barbárie: estar desprovido do passado significa não só constatar a pobreza do presente, mas, também sinalizar para a urgência de inventar, de construir o *novo*⁹.

Em termos de constituição psíquica, talvez a adolescência possa ser tomada como o momento maior de encontro com a demanda de fazer o *novo*; o sujeito adolescente seria aquele que, por meio da destruição e da reconstrução do que recebeu, testemunha uma herança, tanto em termos pessoais quanto geracionais, pois é na adolescência que surge a necessidade de forjar um lugar próprio de enunciação (Gurski, 2012b).

Na medida em que a passagem do Outro parental para o Outro social acontece, o jovem debate-se, destruindo e reconstruindo referências e conceitos de si e do mundo, é na transicionalidade do Outro familiar ao Outro social que o adolescente forja seu lugar de enunciação. Além desses

movimentos estarem associados à movimentação psíquica própria da adolescência, também dialogam com questões abertas por Benjamin, no que refere ao tema da transmissão. Entre outras interrogações, essa articulação evoca uma pergunta importante para o adolecer: como lidar com a herança em uma medida que possibilite a emergência do *novo*? Como fazer para que não tenhamos o passado morto e somente histórias vivas a ponto de se deixarem reescrever pelas letras do presente?

Em meio ao apagamento crescente da dimensão da experiência em nosso laço social e na busca de um lugar de enunciação fora da família, o adolescente sofre os efeitos da desmoralização da experiência, da ausência de diferença geracional e das diferentes dobraduras do tempo. Vejamos como se articula toda essa problemática da adolescência contemporânea com as categorias de experiência, transmissão e tempo.

Considerações finais: tramando adolescência, experiência, transmissão e tempo

A fim de avançarmos um pouco mais nos enlaces acerca da fisiologia do laço social e das questões atuais da adolescência, interessa-nos tomar o sofisma que Lacan fez uso para suas conceitualizações em relação ao tempo lógico (Lacan, 1944/1998). Importa-nos desdobrar os efeitos do mesmo para a reflexão sobre a operação psíquica da adolescência.

No artigo referido, Lacan indica que a significação do sujeito se dá por um efeito lógico retroativo que obedece a três tempos: *o instante de ver*, *o tempo de compreender* e *o momento para concluir*. Esses três marcos temporais precipitam-se construindo, no terceiro tempo, a assunção do sujeito sobre si. Ou seja, Lacan demonstra, com uso do sofisma, que será por meio das precipitações e escansões que se produzirão os efeitos de significação do sujeito e que tais tempos simbólicos são constituídos na relação do sujeito com o Outro.

Ele parte de um problema lógico, no qual o diretor de um presídio expõe três prisioneiros a um desafio, cuja resolução garante a liberdade de apenas um deles. Para o desafio, o diretor dispõe de cinco discos, dois pretos e três brancos; cada prisioneiro terá um disco colado a suas costas, de forma que não poderá vê-lo, tendo acesso visual somente aos discos de seus concorrentes. O preso que conseguir deduzir a cor do seu disco, a partir da visão dos discos dos outros dois e se precipitar à conclusão correta, será beneficiário da liberdade. Fica claro no problema de lógica que a assunção da certeza antecipada só advém pela visão de dois discos pretos ou pela consideração das hesitações e movimentos dos outros dois. É desse modo que Lacan propõe a dependência dos três tempos, *o instante de ver*, *o tempo de compreender* e *o momento de concluir*.

Kehl (2009, p. 114), tirando as melhores consequências da análise do sofisma para os tempos da subjetivação, dirá que “desses três intervalos, o primeiro e o terceiro são instantâneos. Somente o segundo supõe a duração de um

⁹ Tomamos o *novo*, para Benjamin, como a produção do sujeito, o que decanta como marca daquele que se autoriza enquanto autor/produzidor de uma experiência – movimento fundamental na passagem adolescente.

‘tempo de meditação’ indispensável para precipitar o sujeito em direção ao terceiro momento, da conclusão.” Ou seja, será a duração, como distensão do tempo, que possibilitará a passagem ao momento de concluir.

Articulando as questões acerca do sofisma do tempo lógico, com o que tratamos sobre a aceleração do tempo e da desmoralização da experiência na atualidade, pensamos que há, sim, um empobrecimento psíquico tal, que faz que os estímulos recebidos pelo sistema percepção-consciência pareçam com pequenos traumas, desprendidos da rede de representações que confere valor e sentido (imaginário) à vida (Kehl, 2009). Ora, tais associações nos levam a pensar que a rede de representações, enfraquecida pelo excesso de consciência, esfarela o conteúdo simbólico do lugar do adolescente, e esse, invadido pela demanda do Outro, corre em direção ao real¹⁰. Desse modo, configura-se o cenário que eleva muito a tendência, dita “natural”, do jovem em buscar experiências novas e intensas. Nesse âmbito, também parece residir o tão comentado excesso de *real*, aquilo que resta sem simbolização e que se transforma, rapidamente, em episódios e atuações bizarras e perigosas aos olhos do mundo adulto.

Conforme já enunciado, no âmbito da crítica às condições do laço social, Benjamin (1938/1989) protagonizou uma relevante discussão sobre as possibilidades da memória, indicando que quanto mais a memória está sujeitada aos apelos da atenção, menos intenso é o registro. É como se – entre acontecimento, percepção e registro – tivéssemos que contar com um outro trabalho de elaboração; um outro registro que se faz na medida em que, como diz Benjamin (1936/1994a, p. 204), o sujeito pode distender-se psiquicamente: “esse processo de assimilação se dá em camadas muito profundas e exige um estado de distensão que se torna cada vez mais raro”.

Benjamin parece apontar para uma espécie de entrega do sujeito. Entrega que interpretamos como uma operação passível de elaborar a vivência, modo pelo qual o acontecimento pode decantar em uma experiência. Nesse sentido, perguntamos, será que a aridez da experiência, em nosso tempo social, poderia estar fragilizando as condições para o adolescente operar a necessária distensão do tempo de compreender ao momento de concluir?

Pensamos que uma das necessidades mais agudas, referente à passagem adolescente, consiste exatamente na construção e no compartilhamento de experiências. A possibilidade de narrar-se e de ser incluído em uma história, por meio do enlace dos diferentes tempos, é o que garante ao jovem a construção de novos sentidos e consolida a possibilidade de outros modos de representação de si.

Algumas manifestações da adolescência parecem exatamente revelar certo esvaziamento das condições do tempo de compreender e, conseqüentemente, da passagem

deste ao momento de concluir, evidenciando-se, muitas vezes, a não precipitação do que, junto com Lacan, chamamos assunção de si ou da construção de um novo lugar de enunciação do sujeito. Um dos exemplos reveladores dessa “ansiedade de precipitação” está no estado de permanente angústia que testemunhamos, no âmbito da clínica, com adolescentes. Conforme Jerusalinsky (2004), tal angústia seria o efeito da sensação de que a vida em geral não tem mais caráter provisório, como fora na infância, tudo passa a ser para valer em termos de sustentação de um lugar de fala própria.

Hassoun (1998), ao trabalhar os três tempos da constituição do significante, também contribui com a reflexão acerca dos tempos da constituição psíquica na passagem adolescente. Ele diz que, no *primeiro tempo*, ocorre a inscrição do significante, o surgimento do traço, no *segundo*, se dá o recalque, o apagamento dessa marca, enquanto no *terceiro*, ocorreria o que ele denomina o momento da interpretação, quando se dá a assunção do si mesmo. Quer dizer, será no terceiro tempo que emergirá propriamente o “tempo de fazer-se sujeito”, conforme articula Rassial (1999) com relação à adolescência.

Bernardino (1999), a partir desta proposição de Hassoun, sugere que pensemos a estruturação do sujeito desde os três momentos do tempo lógico propostos por Lacan (1944/1998): o *instante de ver*, que situaria o tempo do infantil, o primeiro tempo da inscrição do significante; o *tempo para compreender*, que instalaria o recalque, o apagamento que seria o segundo tempo da inscrição do significante e que dá lugar ao tempo da latência; e, por fim, o *momento de concluir*, o tempo que situaria a injunção que introduz o sujeito na crise da adolescência e o precipita na direção de uma interpretação, que poderíamos chamar de uma interpretação de si. Será, portanto, neste terceiro tempo da inscrição do significante que se finaliza a constituição do *sinthome*. De alguma forma, é o que vemos acontecer na adolescência, o confronto do jovem com a demanda do ato e da decisão, com a necessidade de se posicionar, especialmente, nas questões relativas ao estabelecimento do lugar sexual. Nesse sentido, interrogamos que relação pode haver entre a posição de sexuação do sujeito – no caso, o jovem – e a construção do *sinthoma* na adolescência?

Em um de seus últimos seminários, *O sinthoma*, Lacan (1975-76/2007) altera seu conceito tradicional em psicanálise – escrevendo-o com *h*, rememorando parte do francês arcaico e ampliando a noção freudiana eminentemente simbólica de um sintoma como apenas formação do inconsciente. Se, com Freud, o sintoma (sem *h*) já havia deixado de ser algo da ordem médica para ser uma “pantomima do desejo” (Freud, 1926/1980), tornando-se um dado formidável da experiência analítica, com Lacan (1974/2005, p. 55), ele se torna “aquilo que as pessoas têm de mais real”. O sintoma perde a matriz organicista de sinal de uma doença para ganhar a de estrutura real na constituição do sujeito. Ele não é o *real*, mas o que vem do *real*. No seminário *O sinthoma*, o autor elucida, entre outras coisas, que ele não é uma verdade que dependa de significação e interpretação, como quis Freud, mas possui uma função

10 Instância que constitui um dos três registros que, junto ao simbólico e ao imaginário, fundam o que Lacan denominou de RSI – registros indissociáveis ligados pelo nó borromeu, que dão conta da relação do sujeito com a dimensão da falta. Para Lacan, o real é o que não pode ser simbolizado totalmente na palavra ou na escrita, aquilo que “não cessa de não se escrever”.

estrutural de prótese. O *sinthoma* forneceria ao sujeito um Eu substituto, uma prótese, que é justamente o que o sujeito teria de mais *real*. Ele não serve necessariamente para codificar verdades desse sujeito, mas, antes, serve como prótese para inscrevê-lo no campo da sexualização. O *sinthoma* seria, assim, o quarto termo (ou quarto elo), que enlaçaria os outros três termos da topologia que o próprio Lacan criou: Real, Simbólico, Imaginário¹¹.

Com base na escrita de Joyce, Lacan (1975/2003; 1975-76/2007) vai propor essa noção inédita de *sinthoma* como função de prótese, que, no caso, seria justamente a própria atividade de Joyce como escritor. Sua escrita-*sinthoma*, por assim dizer, não é para ser decodificada, mas para inscrever o próprio Joyce de maneira decididamente singular no campo da sexualização, enlaçando os três elos.

Se for assim, aceitando a hipótese do *sinthoma* como quarto termo, arriscamo-nos a considerar que, como Joyce, o adolescente deve constituir um *sinthoma*, uma prótese ou um modo muito próprio de inscrever-se sexualmente; inscrever a sua própria condição de sujeito sexuado. E isso não é uma operação simples: a ele será necessário o *momento de concluir*, tempo fundamental para que o adolescente venha a se posicionar no campo da sexualização.

Lacan (1944/1998) dirá que a trajetória desse tempo lógico não se dá como uma construção puramente individual, mas tem o Outro implicado nas articulações de sua estruturação. Acompanhando o autor naquilo que retira do sofisma que propõe, diríamos que a “asserção da certeza antecipada” se dá pelo laço com o Outro: “ninguém a atinge a não ser pelos outros” (Lacan, 1944/1998, p. 212).

Benjamin, por sua vez, ao chamar de “calor” aquilo que o homem moderno buscava nos romances, sublinhou a diferença entre aquilo que pode ser narrável e passível de transmissão, em contraponto à “frieza” do conhecimento e da informação. A possibilidade de que das vivências decantem experiências, narrativas e testemunhos parece ser o que “aquece” o laço e a vida do humano. A narrativa consiste em uma das condições necessárias para que se produzam experiências e, portanto, inscrições e representações. A narrativa, ao fazer circular a palavra, as histórias e suas versões, possibilita a produção da polissemia, a qual flexibiliza os sentidos e cria condições para que se produzam enunciações.

Nesse diapasão, o tema da representação na adolescência ganha um vulto intenso. Costa (2001) utiliza a metáfora do exílio para falar da passagem adolescente. É como se, desde o lugar de exilado, o adolescente estivesse autorizado a testar os traços que irão representá-lo, exercitando, assim, as tentativas de inscrever um estilo próprio, criando e inventando um lugar psíquico e social para si. Pois será nas terras desse exílio que os jovens irão se deparar com aquilo que pode ser o mais caro às suas construções psíquicas, o encontro com o sexo e a morte – o *real* que cobra um preço alto de elaboração.

Na busca de um lugar para si, parecido com um novo nascimento, o adolescente sofre com os efeitos advindos da desmoralização da experiência, do empobrecimento das narratividades, da ausência de diferença geracional, e responde a essas condições com o colorido sintomático que já conhecemos. Tal contexto exige intensa reflexão, fazendo-se necessário que não nos precipitemos lançando nossos jovens na fogueira dos diagnósticos contemporâneos. Pensamos que seus atuais modos de sofrimento talvez não passem de um “tempo de resistência psíquica” que vem, exatamente, no lugar do vazio da experiência, um modo de intervalo necessário a fim de elaborar as condições atuais para que essa passagem aconteça.

Uma das questões apontadas como fundamentais na operação psíquica da adolescência é a necessidade da constituição do *sinthoma* como uma espécie de prótese, ou ainda, como uma forma própria de inscrição no campo da sexualização. Esse movimento de se precipitar na direção da escolha em tomar o *sinthoma* nas mãos, saindo do estado de suspensão, é exatamente o que se dá no *momento de concluir* (Bernardino, 1999; Rassial, 1997). Nossa hipótese acerca do alargamento do *tempo de compreender* pode estar funcionando, para os jovens da atualidade, como um modo de fazer suplência ao vazio da experiência.

Enquanto Kehl (2009) associa o encolhimento do *tempo de compreender* ao empobrecimento simbólico do sujeito contemporâneo, Freitas (2008), no trabalho clínico com adolescentes, pondera que tem sido comum, na clínica com meninos jovens, encontrar o alargamento do *tempo de compreender* como uma resposta à necessidade estrutural de dar conta falicamente dos apelos típicos da fase. Em meio a essas diferentes leituras, nossa hipótese é que o sintoma contemporâneo da “adolescência sem fim” refere-se ao alargamento do *tempo de compreender* como modo de suprir a ausência de experiência e, por decorrência, esticar o tempo de “fazer-se sujeito”. Ora, o alargamento do tempo de compreender inevitavelmente leva a um adiamento do *momento de concluir*, posicionando então o jovem em um lugar de não escolha com relação ao *sinthoma*. Nesse caso, estaríamos frente a sujeitos cuja operação psíquica da adolescência não se deu, ou, dito de modo mais coloquial, jovens às vezes denominados *adultescentes*.

Nessa direção, pensamos que junto às escansões significantes do tempo lógico da constituição psíquica na adolescência, caberia acrescentar um quarto termo necessário à elaboração dessa passagem. Além do *instante*, do *tempo* e do *momento*, talvez o *intervalo* surja como a possibilidade de não somente dilatar, mas também evocar o espaço da experiência como espaço de elaboração de si. Tal movimento pode ser tomado como uma distensão do *tempo de compreender* passível de levar o sujeito a se precipitar, ou melhor, autorizar-se na direção de uma interpretação de si, concluindo por se inscrever em um lugar próprio e singular e fazendo uma “escolha” no campo da sexualização.

11 Ver nota 10

The experience and the time during the passage to the contemporary adolescence

Abstract: This article, written as an essay, is the result of a theoretical research that questioned the categories of experience and time in the psyches of adolescent. Through the articulation of the psychoanalysis of the adolescent with the theme of time and the concept of experience in Walter Benjamin's theory, we seek to problematize the adolescent passage in the time settings in the current social bonding. The article suggests that we should not rush into diagnosis, because the current symptomatology of adolescence might be an expression of youth suffering and a resistance mechanism when facing the culture's conditions. Such conditions can produce an *expansion of the time for understanding*, as a delay of the encounter with the moment of conclusion. So, in order to produce conditions for the subject towards a self-interpretation, besides the *instant*, the *time* and the *moment*, it could be possible an extra time called *interval*. That *interval* could be an effect of the expansion of the *time for understanding*.

Keywords: adolescence, experience, psychoanalysis, time.

L'expérience et le temps dans l'adolescence contemporaine

Résumé: Cet article, sous forme d'essai, résulte d'une recherche théorique qui met en question les catégories de l'expérience et du temps pour la constitution psychique de l'adolescent. Par l'articulation de la psychanalyse de l'adolescent avec le thème du temps et avec le concept d'expérience chez Walter Benjamin, nous soulevons le problème du passage adolescent au milieu des configurations du temps dans le lien social actuel. L'article suggère de ne pas nous précipiter sur l'amas de diagnostics car les signes de l'adolescence contemporaine peuvent être pris comme un mode d'expression de la souffrance juvénile lors de sa rencontre avec les conditions actuelles de la culture. Telles conditions peuvent produire une sorte de *dilatation du temps de comprendre* de façon à reporter la rencontre avec le *moment de conclure*. Ainsi, pour que le sujet construise des conditions pour se jeter vers une interprétation de soi-même, en dehors de l'*instant*, du *temps* et du *moment*, il y aurait une sorte de temps, un *intervalle*, comme effect de dilatation du *temps de comprendre*.

Mots-clés: adolescence, expérience, psychanalyse, temps.

La experiencia y el tiempo en el pasaje de la adolescencia contemporánea

Resumen: Este artículo, en forma de ensayo, resulta de una investigación teórica que ha problematizado las categorías de la experiencia y del tiempo para la constitución psíquica del adolescente. Articulando la psicoanálisis del adolescente con el tema del tiempo y con el concepto de experiencia en Walter Benjamin, problematizamos el pasaje adolescente entre las configuraciones del tiempo en el lazo social actual. El artículo sugiere que no apresurémonos en la "danza en rueda" de los diagnósticos, debido a que los síntomas de la adolescencia actual pueden ser tomados como un modo de expresión del sufrimiento juvenil cuando de su encuentro con las condiciones de la cultura. Tales condiciones pueden producir una *dilatación del tiempo de comprender* como una forma de posponer el encuentro con el *momento de concluir*. Así, con el fin de que se construya las condiciones para el sujeto precipitarse hacia una interpretación de sí, más allá del *instante*, del *tiempo* y del *momento*, se puede creer que viene una especie de *intervalo* como efecto de dilatación del *tiempo de comprender*.

Palabras clave: adolescencia, experiencia, psicoanálisis, tiempo.

Referências

- Agostinho, S. (1973). *Confissões: livro XI*. São Paulo, SP: Abril Cultural.
- Arendt, H. (2001). *Entre o passado e o futuro*. São Paulo, SP: Perspectiva.
- Arendt, H. (1987). *Homens em tempos sombrios*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Baumann, Z. (2002). Desafios educacionais da modernidade líquida. *Revista Tempo Brasileiro*, 148, 41-58.
- Benjamin, W. (1989). Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. In W. Benjamin, *Obras Escolhidas III*. São Paulo, SP: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1938)
- Benjamin, W. (2002). Experiência. In W. Benjamin, *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação* (pp. 21-21). São Paulo, SP: Duas Cidades; Editora 34. (Trabalho original publicado em 1913)
- Benjamin, W. (1994a). Experiência e pobreza. In W. Benjamin, *Obras escolhidas I: magia, técnica, arte e política* (pp. 114-119). São Paulo, SP: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1933)
- Benjamin, W. (1993). *La metafísica de la juventud*. Barcelona, España: Paidós Ibérica.

- Benjamin, W. (1994b). O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In W. Benjamin, *Obras escolhidas I: magia, técnica, arte e política* (pp. 197-221). São Paulo, SP: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1936)
- Benjamin, W. (2006). Paris, a capital do século XIX. In W. Benjamin, *Passagens* (pp. 39-51). Belo Horizonte, MG: UFMG. (Trabalho original publicado em 1935)
- Benjamin, W. (1994c). Sobre o conceito de história. In W. Benjamin, *Obras escolhidas I: magia, técnica, arte e política* (pp. 222-232). São Paulo, SP: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1940)
- Bergson, H. (1999). *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Bernardino, L. M. F. (1999). Inconsciente, tempo e estrutura. *Revista da Associação Psicanalítica de Curitiba*, (3), 85-98.
- Bondía, J. L. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, (19), 20-28.
- Chemama, R. (1995). *Dicionário de Psicanálise Larousse*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Couto, M. (2001). *Raiz de orvalho e outros poemas*. Lisboa, Portugal: Caminho.
- Fingermann, D., & Kehl, M. R. (2009). O sujeito, o inconsciente e o tempo: entrevista com Colette Soler. *A Peste*, 1(1), 185-194.
- Freitas, I. (2008). Tempo para fazer-se homem. In *Anais do V Encontro Internacional da IF- EPFCL* (pp. 232-234). São Paulo, SP.
- Freud, S. (1980). Inibição, sintoma e ansiedade. In S. Freud, *Obras psicológicas completas* (Vol. 20). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1926)
- Gourevitch, A. Y. (1975). O tempo como problema de história cultural. In: P. Ricoeur (Org.), *As culturas e o tempo* (pp. 263-283). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gurski, R. (2012a). A adolescência empoderada. In: C. M. M. Farias (Org.), *O professor sob pressão: prevenção e enfrentamento da violência no ambiente de trabalho* (pp. 81-90). Porto Alegre, RS: Carta Editora e Comunicação.
- Gurski, R. (2012b). Três ensaios sobre juventude e violência. São Paulo, SP: Escuta.
- Gurski, R. (2014). Três tópicos para pensar a contrapelo o mal-estar na educação atual. In: R. Voltolini (Org.), *Retratos do mal-estar contemporâneo na educação* (pp. 167-180). São Paulo, SP: Escuta; Fapesp.
- Hassoun, J. (1998). Os três tempos da constituição do significante. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 8(14), 43-53.
- Jerusalinsky, A. (2004). Adolescência e contemporaneidade. In A. Mello, A. L. S. Castro, & M. Geiger. *Conversando sobre adolescência e contemporaneidade* (pp. 54-65). Porto Alegre, RS: Conselho Regional de Psicologia 7ª Região; Libretos.
- Kehl, M. R. (2004). A juventude como sintoma da cultura. In R. Novaes, & P. Vannuchi (Orgs.), *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação* (pp. 89-114). São Paulo, SP: Fundação Perseu Abramo.
- Kehl, M. R. (2009). *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Lacan, J. (2003). Joyce, o sintoma. In J. Lacan, *Outros escritos* (pp. 560-566). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 1975)
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise, 1954-1955*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Lacan, J. (2007). *O seminário, livro 23: o sintoma, 1975-1976*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Lacan, J. (1998). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In: J. Lacan, *Escritos* (pp. 197-213). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 1944)
- Lacan, J. (2005). *O triunfo da religião*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 1974)
- Lages, S.K. (2002). *Walter Benjamin: tradução e melancolia*. São Paulo, SP: EDUSP.
- Muricy, K. (2009). *Alegorias da dialética: imagem e pensamento em Walter Benjamin*. Rio de Janeiro, RJ: Nau.
- Pereira, M. (2007). Nos descaminhos da memória: Benjamin leitor de Proust. *Graphos*, 9(2), 189-202.
- Rassial, J.-J. (1995). Entrevista com Jean-Jacques Rassial. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, (11), 86-100.
- Rassial, J.-J. (1999). *O adolescente e o psicanalista*. Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud.
- Rassial, J.-J. (2000). *O sujeito em estado limite*. Rio de Janeiro, RJ: Companhia de Freud.
- Rassial, J.-J. (1997). Psicose na adolescência. In J.-J. Rassial, *Escritos da criança* (Vol. 4, pp. 80-96). Porto Alegre, RS: Centro Lydia Coriat.
- Redepsi (2005, julho 13). O sonho perde importância e presença na prática psicanalítica. [Blog]. Recuperado de <http://www.redepsi.com.br/2005/07/13/o-sonho-perde-importancia-e-presenca-na-pratica-psicanalitica/>
- Rouanet, S. P. (1990). Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin. Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro.
- Ruffino, R. (1995). Adolescência: notas em torno de um impasse. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 5(11), 41-46.
- Zizek, S. (2009). Entrevista ao programa Roda Viva, TV Cultura. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=-SrsADs5NC4>

Recebido: 07/01/2015

Revisado: 11/05/2015

10/08/2015

Aprovado: 20/08/2015